

# A educação da interioridade das crianças dos 0 aos 6 anos

*Maria Emília Nabuco*  
[mnabuco@eselx.ipl.pt](mailto:mnabuco@eselx.ipl.pt)

## Introdução

Segundo Coudreau (1976), o despertar religioso da criança processa-se por etapas. Para ele as etapas essenciais são:

- dos 0 aos 3 anos - despertar pela transparência;
- dos 3 aos 6 anos - pela relação, consigo, com os outros e com Deus;
- dos 6 aos 8 anos - a grande descoberta de Jesus;
- dos 8 aos 10 anos - a grande descoberta do Pai;
- dos 10 aos 12 anos - Jesus reúne os irmãos, a descoberta da fraternidade.

Eu acrescentaria ainda mais duas etapas:

- dos 12 aos 16 anos - conhecer a história da Igreja que nos acolhe – a Igreja dos primeiros cristãos.
- dos 16 em diante - “sonhar” e pôr mãos à obra “na Igreja que queremos ajudar a construir”.

## 1. Conceito de espiritualidade

Segundo McCreery (1994) a espiritualidade, ou o ser espiritual, contém em si três características fundamentais:

- 1- é universal, está presente em todos os seres humanos, quer eles sejam religiosos ou não. A espiritualidade une toda a existência humana;
- 2 - faz parte integrante do ser, é uma característica do ser humano tal como os aspectos, físicos, ou cognitivos;
- 3 - é essência do ser, é energia, dinamismo e vigor interior.

Pode comparar-se com o vento, que só se vê pelos seus efeitos. É aspiração e inspiração. A espiritualidade é a parte vital da humanidade, a sua essência e o seu poder interior. É esta vitalidade que nos anima a agir. O desenvolvimento da espiritualidade tem um papel importante no desenvolvimento do ser humano.

A função do educador, pai, mãe, professor ou catequista é a de estabelecer esta relação entre a criança e Deus.

Qual é a diferença que existe entre despertar religioso e despertar da fé?

A fé é uma vida que surge de uma relação de amor. Para que alguém tenha fé numa outra pessoa tem que fazer um percurso, uma experiência de amor com esse alguém. Essa experiência, normalmente, tem início num primeiro encontro. Se neste primeiro encontro acontece o encantamento surge também a necessidade de encontros sucessivos que podem levar à escolha mútua.

Dessa escolha mútua resulta naturalmente, a necessidade da comunhão, ou seja, da união de vida com a outra pessoa que, no caso que aqui nos traz, é a escolha de Deus como companheiro da vida.

Para se chegar a esta etapa de escolha definitiva do Senhor Jesus como companheiro da vida e Grande Amigo, o educador, o pai, a mãe, o catequista ou o professor, têm esta tarefa primordial de facilitar o encontro nas mais diversas etapas do despertar religioso da criança. É preciso que a criança faça a experiência de acreditar nos adultos que a cercam, que de algum modo são para ela o seu deus, para que um dia venha a acreditar em Deus.

## **2. Educar para a ternura e pela ternura**

A educação da ternura e pela ternura está intimamente relacionada com o que acabamos de afirmar e está directamente relacionada com a educação religiosa das crianças pequenas. Segundo Biscaia (1999), ternura é a faculdade de contacto e confirmação tipicamente humana que se exprime com solicitude, delicadeza e grande prudência protectora e está profundamente ligada aos conceitos de confiança, firmeza e "sobretudo abrigo".

Para este autor, a ternura inicial é alimentada mais pelo exemplo do que pela palavra. Mas acrescenta que "a ternura supõe um esquecimento de si, uma dependência, ou melhor ainda, uma fragilidade perante o outro que só é possível através duma firmeza perante o outro, da pessoa que não teme desintegrar-se e perder-se, porque sabe que é na sua aparente debilidade que está a sua força. E este estar com, é um fluir que nunca pode parar. Tal como o rio que ao deixar de correr estagna e se perde na poluição ou na secura, também cada um deve cuidar de modo permanente das margens da ternura na certeza de que todo o encontro pressupõe um crescer pessoal".

E não nos podemos esquecer das palavras de Jesus:

"Quem me vê o Pai"

"Onde eu estiver também vós estareis comigo"

"Na minha casa há muitas moradas"

São frases densas da ternura do Pai pelos seus filhos.

## **3. Educação da autonomia e pela autonomia – Promoção da autonomia**

Investigações modernas demonstraram que:

-o desenvolvimento da autonomia só é possível no contexto de uma relação de intimidade;

-a autonomia é provocada pela consciência da autonomia dos outros e desemboca na colaboração, na cooperação, no amor.

A promoção da autonomia não pode assentar numa relação baseada no autoritarismo e na humilhação. Mas também não tem a sua raiz na permissividade ou na gratificação permanente.

O autoritarismo abafa e não conduz à autonomia. Faz com que a pessoa não pense por si, transforma-se antes numa pessoa que acredita cegamente sem pensar. Que não age segundo a sua consciência, que não se confronta com a regra estabelecida. Temos que educar seres obedientes mas ao mesmo tempo autónomos.

A permissividade isola, esvazia e conduz a indivíduos mimados e egoístas. A permissividade cria escravos e não homens autónomos.

## **4. Valores na educação**

Para percebermos o que são valores temos primeiro que perceber o que é educar. Educar é manter um diálogo de gerações acerca de assuntos que sejam significativos para ambas as gerações. Segundo McGettrick (1996) valor pode ser definido como uma disposição profunda, orientação ou motivo que guia os nossos pensamentos, acções e comportamentos. Os valores são complexos e permanecem em nós mais do que as tendências, atitudes e opiniões. O conhecimento é importante, mas efémero, as ideias são úteis, mas os valores são o que caracteriza o homem civilizado.

A secularização, consequência da industrialização, do desenvolvimento tecnológico e da urbanização segundo a qual as igrejas deixaram de ter o seu poder e ainda o individualismo, são marcas profundas da sociedade actual que dificultam a transmissão dos valores.

## **5. A educação religiosa das crianças dos 0 aos 3 anos de idade**

O amor pelas crianças destas idades deverá ser um amor não captativo, mas sim um amor bom, sadio, amor gratuito por aquilo que a criança é e não pelo gozo que pode dar aos pais.

Amor de verdade, aceitando o que a criança é, o seu sexo, a sua saúde, o seu temperamento, os seus ritmos. Amar de forma estável, de forma permanente, explicando as ausências. Não basta que os pais existam, é necessário que os pais impregnem a criança com a sua presença.

O meio ambiente que deve rodear as crianças desta idade é um meio ambiente de silêncio, proporcionando momentos de boa música daquela que não é alienante. As pessoas têm medo do silêncio, têm medo de se enfrentar com a sua vida interior. Temos que proporcionar às crianças momentos de silêncio "povoado".

Nestas idades, pais e professores, devem povoar a vida da criança não só de gestos belos, mas, sobretudo de atitudes carregadas de interioridade. Precisamos de povoar o mundo interior da criança de beleza, de harmonia, para que no futuro tenhamos homens e mulheres de grandes ideais de beleza, de alegria e paz.

## **6. A educação religiosa das crianças dos 3 aos 6 anos**

Nesta etapa, o mais importante é ajudar a criança para que ela estabeleça relação consigo, relação com os outros e relação com Deus.

### **6.1- Relação consigo**

6.1.1 - Ajudar a criança a descobrir que ela não é só um corpo exterior, há algo que existe nela e que ela não vê – ajudar o nascimento do mistério pessoal.

6.1.2 - Fazer descobrir o para além da matéria. Ajudá-la a dar atenção aos seus pensamentos. Saborear o estar calmo, o sossego e o silêncio (não impor, mas propor).

6.1.3 - Ajudá-la a mandar, a ter domínio no seu corpo para que um dia seja um adulto com capacidade de domínio dos seus próprios instintos. Ajudá-la a ter cuidados com o seu corpo.

6.1.4 - Educá-la para que ela dê sentido ao esforço. Através do esforço nós tornamos diferentes, somos capazes de dar... Pelo esforço libertamos em nós energias novas que desconhecíamos, energias espirituais.

6.1.5 - Ajudá-la a fazer a descoberta dos seus próprios limites, para que caia na conta de que precisamos uns dos outros.

6.1.6 - Levá-la a refletir antes de agir, porque só assim procedendo damos densidade à nossa vida de seres humanos.

### **6.2 – Relação com os outros**

6.2.1 - Fazer a educação da proximidade.

6.2.2 - Fazer a educação da generosidade, do amor que sabe partilhar e que sabe acima de tudo perdoar.

6.2.3 - Fazer a educação da gratuidade é levar a criança a saborear o dar-se.

6.2.4 - Fazer a educação da solidariedade. Levá-la a fazer experiências de se sentir responsável pelos outros.

### **6.3 – Relação com Deus**

6.3.1 - Dos 3 aos 6 anos, além de falar de Deus à criança devemos levá-la a fazer a experiência de falar com Deus seu Pai. Levá-la a conhecer Deus, não explicado, mas levá-la à contemplação pela relação que com Ele vai estabelecendo. Levá-la a atitudes de admiração.

6.3.2 - Deus torna-se presente na vida das crianças através de experiências:

6.3.2.1 - Deus faz - cria, age na criação.

6.3.2.2 - Deus fala - em nós, na nossa consciência.

6.3.2.3 - Deus vem - nos acontecimentos especialmente no Natal.

3.2.4 - Deus está vivo - nas pessoas, nos acontecimentos, na história.

## **7. A educação religiosa dos 6 aos 8 anos**

A criança vive nesta etapa uma grande estabilidade interior. É a etapa privilegiada para se falar da pessoa de Jesus Cristo com todos os seus atributos de amigo, companheiro presente em todos os momentos.

## **8. A educação religiosa dos 8 aos 10 anos**

É a idade propícia para tornar explícito que Jesus conseguiu tudo o que realizou como homem, inclusive os milagres, porque estava permanentemente unido a Deus seu Pai, que Ele revelou permanentemente através das suas atitudes de misericórdia, de perdão e compaixão, de gratidão, de protecção dos mais fracos.

## **9. A educação religiosa dos 10 aos 12 anos**

Inicia a entrada na adolescência. É uma idade de grandes conflitos interiores; ou se é aceito pelo grupo ou se é rejeitado. É o momento privilegiado para se dar a conhecer a vida dos primeiros cristãos. A complementaridade da amizade. A estabilidade que cuidavam uns aos outros, mesmo nos bens materiais. Viagens de Paulo ao encontro dos irmãos que precisavam ser acalentados e as Cartas que escrevia às comunidades segundo as necessidades mais urgentes de cada uma.

## **10. A educação religiosa dos 12 aos 16 anos**

É a idade do associativismo. É bom que o adolescente encontre na Igreja um espaço de identificação onde ele pode usufruir com os seus amigos de bons momentos para debater tudo o que lhe interessa relacionado com os direitos da pessoa humana. É a etapa de cimentar a aceitação de Jesus como companheiro e da Igreja como peregrina – ou a rejeição de tudo isto, se não há acolhimento para os adolescentes.

## **11. A educação religiosa depois dos 16 anos**

O adulto deve aceitar a contestação própria desta idade como extremamente sadia. É a etapa da identificação definitiva, do distanciamento para ver melhor. Também aqui os pais não podem abandonar os jovens, têm que fazer o que Kegan (1982) apresenta na teoria do desenvolvimento sociomoral do Eu. Segundo ele, o desenvolvimento humano processa-se de uma forma pendular entre autonomia e inclusão, evoluindo de estádios de diferenciação para estágios de integração. Em cada um, os pais e os educadores desempenham três tarefas simultâneas: acolher/confirmar, deixar partir/contradizer/estimular e por fim permanecer/integrar.

## **12. Erros a evitar na educação religiosa das crianças dos 0 aos 6 anos**

12.1 - Evitar o predomínio dos sentimentos, para não correr o risco de desviar até ao sentimentalismo. É extremamente perigoso manipular os sentimentos das crianças.

12.2 - Evitar dar explicações acerca de Deus. Deus não se explica. Deus vive-se, e é essa vida que os pais e educadores devem transmitir. A criança intui Deus pela experiência e não pelo intelecto.

12.3 - Evitar transmitir a ideia de que Deus é um ser mágico. Deus não é magia.

12.4 - Evitar contar relatos bíblicos sem um critério prévio de selecção, para que a criança não retenha só a história. As histórias da Bíblia foram contadas a adultos e sempre num contexto próprio da sua vida. O que vem na Bíblia não são simples histórias, mas sim o relato de acontecimentos significativos.

12.5 – Cuidado ao falar a crianças destas idades de castigo de Deus e de pecado. Não podemos nem devemos atribuir a Deus aquilo que é exclusivamente da responsabilidade humana.